

## MEMÓRIA E LUGAR: ENTRE A NOÇÃO DE INDISSOCIABILIDADE ESPAÇO-TEMPO E A REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA

*Memory and place: between a notion of space-time indissociability and a reflection on a geographical experience*

Juliana Maddalena Trifilio Dias<sup>1</sup>

### RESUMO

A geografia está, comumente, associada ao mundo de terras conhecidas, cartografadas, quantificadas e analisadas. Mas não somente. Existem também as terras do passado, da memória e das lembranças. Terras que nos permitem diferentes manifestações da experiência geográfica do ser-no-mundo. Mas, como pensarmos a experiência humana de tempo na constituição de nossa geografia? Este texto aponta a memória como dimensão constitutiva do sujeito e, portanto, como fundamental para compreensão da indissociabilidade espaço-tempo. Para isto, espaço e tempo são assumidos em suas especificidades e, ao mesmo tempo, indissociáveis quando estão em relação. Para esta discussão as diferentes perspectivas de memória de Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs e David Lowenthal, nos conduzem a pensarmos experiência geográfica de lugar.

**Palavras-chave:** Geografia Humanista. Epistemologia. Temporalidade. Narrativa.

### ABSTRACT

Geography is commonly associated with the world of land known, mapped, quantified, and analyzed. But not only. There are also the lands of the past, the memory and the memories. Lands that allowed us different manifestations of the geographic experience of being-in-the-world. But how do you make a human time experience at the basis of our geography? This text aims at memory as the constitutive dimension of the subject and, therefore, as fundamental for the understanding of spatial-time indeterminacy. For this, space and time are assumed in their specificities and, at the same time, inseparable when they are in relation. For this discussion, the future perspectives of memory of Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs and David Lowenthal, led us to a geographic experience of importance.

**Key-words:** Humanist Geography. Epistemology. Temporality. Narrative.

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da UFJF da área de Ensino de Geografia. [juliana.maddalena@ufjf.edu.br](mailto:juliana.maddalena@ufjf.edu.br).  
✉ Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário, Bairro São Pedro, Juiz de Fora, MG. 36036-900.

### ESPAÇO-TEMPO ENTRE CAMPOS E CONJUNÇÕES

*"Ou isto ou aquilo. Ou se tem chuva e não se tem sol ou se tem sol e não se tem chuva! Ou se calça a luva e não se põe o anel, ou se põe o anel e não se calça a luva! Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares. É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo em dois lugares! Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro. Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo [...] e vivo escolhendo o dia inteiro! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo. Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo."*  
Cecília Meireles

No campo da Geografia estamos habituados com saberes-fazer como, por exemplo, apresentar informações que coletamos em uma tentativa de descrevermos o mundo a partir de comunicações produzidas em diversas linguagens. Como se o desejo de contar aos outros aquilo que foi vivido fosse algo que compusesse nosso modo de ser geógrafo. Vide os geógrafos viajantes que narravam sobre os lugares que visitavam na sucessão dos momentos que viveram. Todavia, o modo como este raciocínio foi apresentado sugere a narrativa como uma habilidade praticada em outros tempos da história da Geografia. Um modo de contar, como no período das grandes navegações, onde os viajantes apresentavam um "novo mundo" aos habitantes do "mundo conhecido". Mas não somente.

Sabemos que a narrativa nos permite pensar como diferentes temporalidades e geograficidades podem ser manifestadas em nosso cotidiano e fazer científico. Contamos o que vivemos, ouvimos as histórias de outras pessoas, reproduzimos narrativas públicas e

estamos sempre construindo nossa narrativa da vida. Ao narrar, o sujeito presentifica diferentes tempos-espacos da experiência vivida e, além disso, narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo Ricoeur (2012). Com o dizer no presente sobre aquilo que foi vivido anteriormente, estamos diante da memória através da lembrança da experiência vivida e experiência narrada. Mas, se geograficamente pensamos a experiência em sua geograficidade e praticamos a narrativa, como estamos considerando o passado em nossas reflexões sobre os lugares?

Estamos tratando de uma ciência geográfica repleta de dualismos, como o tradicional homem e natureza, e vista comumente a partir de fragmentações como humana ou física, acadêmica ou escolar, objetiva ou subjetiva, francesa ou anglo-saxônica, clássica ou moderna e tantas outras. Também, no interior dessa ciência, pesquisamos de modo fragmentado como sobre paisagem ou sobre lugar ou espaço ou região ou território. Inúmeras vezes pesquisamos, como na epígrafe, com a presença de uma conjunção coordenativa alternativa o "ou" que se traduz em "ou isto ou aquilo". No entanto, também praticamos ciência que nos impulsiona para o "e" e não apenas o "ou". Esta conjunção coordenativa aditiva faz com que, tenhamos mais atenção aos limiares e fronteiras entre campos do saber e, neste sentido, este texto se insere nesta busca por outros "e" para a ciência geográfica. Uma busca que, parafraseando Cecília Meireles, será dada em uma perspectiva para além de "ou isto ou aquilo".

Uma máxima muito recorrente entre historiadores e geógrafos é que tempo e espaço são categorias indissociáveis. Esta oração possui dois "e" entre geógrafos e historiadores e entre tempo e espaço. Todavia, tenho me questionado se estes "e" são aditivos ou delimitadores de fronteiras do conhecimento. Seria o tempo exclusividade do historiador e o espaço para o geógrafo? Se a resposta for positiva uma

lacuna se forma entre os campos e, ao mesmo, pode que encasular uma categoria a um grupo e pode impedir ou dificultar o diálogo entre áreas, ainda que, a máxima seja comum aos dois campos.

Por acreditar nessa indissociabilidade tenho procurado compreender quais são estas aproximações entre tempo e espaço e como elas podem reverberar no pensamento geográfico. Ou dito de outra forma, compreender como podem ser assumidas em suas especificidades e, ao mesmo tempo, como outra coisa quando estão em relação. Mas que relação é esta entre tempo e espaço para experiência geográfica?

Discutir espaço e tempo para além de sua perspectiva binária e, para além de apenas um discurso de indissociabilidade é algo movente e desafiador. Uma perspectiva que não nos fará optar por “isto ou aquilo”, mas que nos permitirá refletir sobre as manifestações do tempo em suas diferentes dimensões, em sua relação com o lugar e como condição existencial do sujeito. Portanto, escolho para este artigo apontar a reflexão a partir da memória na indissociabilidade de espaço-tempo para compreensão da experiência geográfica que é possível ser narrada. Para isto, a reflexão sobre a memória será construída com base no pensamento reflexivo da fenomenologia de Paul Ricoeur, nas relações entre memória individual e coletiva de Maurice Halbwachs e nas considerações sobre o passado a partir do geógrafo David Lowenthal.

### A MEMÓRIA NA INDISSOCIABILIDADE ESPAÇO-TEMPO

Em uma manhã ensolarada de primavera duas pessoas saíram para caminhar em certa avenida de uma cidade no interior mineiro. Mesmo que sem combinar, o esperado era que aquele exercício durasse entre quarenta minutos e uma hora. Mas um detalhe alterou aquela expectativa. Aquele sábado era a segunda vez que as

amigas saíam para conversar. Na primeira, de modo inesperado, as duas tiveram um grande encontro empático e meses depois muitos assuntos pareciam acumulados. As duas caminhavam e alternavam o ritmo, parecia que o exercício físico apenas compunha o encontro para conversarem. Andavam rápido, devagar, paravam, retomavam o caminhar, aceleravam, diminuía o passo, paravam e repetiam esses movimentos. O sol parecia não incomodar, como nada ali parecia tirá-las daquele encontro. Existia uma sintonia nos movimentos onde não era possível saber quem pedia para acelerar e quem desejava parar. As duas caminhavam e conversavam. Enquanto isso, o sol realizou seu movimento aparente, as duas se cansaram, voltaram ao ponto onde iniciaram a caminhada, se despediram e cada uma foi para sua casa. Uma delas, posteriormente, contou que ao chegar em casa o marido lhe disse: “Estava preocupado! Você demorou.” Ela se surpreendeu com aquela afirmação e disse: “Só fui caminhar. Você sabe que sempre caminho.” E ele completou: “Por isso mesmo! Você caminhou por três horas!”. Ela não havia percebido a duração de sua caminhada, olhou no relógio e se espantou: “Nossa! Nem vi que tempo passou.” Depois, contou isso para amiga que completou o espanto dizendo que também não havia percebido que ficaram três horas caminhando, mas que a marca da camiseta deixada pelo sol confirmava aquela duração.

Este encontro parece comum e como pertencente à ordem do dia, no entanto, o modo como ele se construiu na relação com o tempo nos permite refletir sobre experiência geográfica. Naquele dia uma circunstância para a caminhada começou a ser tecida no primeiro encontro empático das duas pessoas. O envolvimento e a sintonia permitiram que vivessem aquele tempo através daquilo que as afetava e as marcava. Pouco importava olhar para marcadores tradicionais do tempo, como o sol e o relógio. Mas eles estavam lá! Apesar da sensação de que o tempo havia parado para que aquele encontro durasse o

quanto fosse possível durar, ele não parou. Ao contrário, ele passou. O diálogo com o marido foi como uma flecha do tempo e pontuou na cronologia que três horas haviam se passado. Ele que estava de fora daquela caminhada percebeu, mas elas que estavam envolvidas uma com a outra e com as marcas que aquele encontro as proporcionava, não perceberam. Até ele dizer e o sol deixar sua marca em um dos corpos. Naquele instante houve um cruzamento, uma interseção, um momento onde não foi mais “isto ou aquilo”. Foi o momento do “e”. Era o tempo como marcas do vivido se encontrando com o tempo cronológico. Era o tempo que passa se encontrando com o tempo como *distensão (distentio animi)* (AGOSTINHO, 1999). Não há mais como falar de um ou do outro.

Os dois se interseccionam em alguma circunstância e com ela, o verbo passar compõe o encontro com o verbo permanecer, sendo este último aqui investigado através da memória com suas lembranças-vestígio daquilo que nos afeta. Ou dito de outra forma, os lugares também estão associados às impressões que os marcam que podem ser manifestadas através de suas permanências e esquecimento. Uma associação que se constitui e se apresenta na indissociabilidade espaço-tempo. Estas marcas não são registradas por ficarmos mais ou menos tempo em determinado lugar, mas pela qualidade e intensidade da experiência vivida.

Sobre estas impressões, Santo Agostinho (1999), no livro “X das Confissões”, trabalha com a ideia de palácio da memória onde os tesouros estão guardados em forma de imagens. Ele o nomeia como um receptáculo da memória que recebe infinitas impressões, como imagens, originadas por diferentes percepções. Estas experiências vividas podem ser recordadas e revisitadas neste imenso palácio. Contudo ele adverte que não se trata de encontrar objetos, mas imagens das experiências vividas. Neste palácio da memória é

possível encontramos tudo o que não foi esquecido, tudo o que não foi sepultado pelo esquecimento, contudo, nem tudo o que foi esquecido poderá ser lembrado.

Neste esteio entre o esquecimento e a lembrança, o filósofo Paul Ricoeur (2007), leitor de Santo Agostinho, concebe a memória a partir de duas operações: lembrar e esquecer, ou seja, o esquecimento também compõe a memória. Com estas operações, é possível nos lembrarmos daquilo que sentimos em determinada circunstância, mesmo que no momento da recordação não tenhamos o mesmo sentimento e tão pouco estejamos no mesmo lugar. Os afetos nos marcam e geram outros sentidos no ato de lembrar, como a alegria, o medo e a tristeza, por exemplo. Então, é possível vivermos uma experiência de dor em determinado lugar e no momento da lembrança o sentimento desencadeado por tal experiência poderá ser revivido e até ressignificado.

No entanto, existe um nó neste ponto. Uma coisa é a experiência vivida num determinado lugar e com a percepção dos afetos gerados no instante daquela vivência, outra, é o ato de lembrar-se dessa experiência com a percepção dos sentidos e sentimentos da lembrança posterior à experiência e outra ainda, é o que ocorre entre a experiência e a sua lembrança que pode ressignificar aquilo que foi sentido e vivido. Para acrescentar outro elemento a este nó, estamos refletindo sobre o lugar, então alterando a construção da frase: uma coisa é a experiência vivida num determinado lugar e com a percepção dos afetos gerados, outra, é o ato de lembra-se desse lugar e, outra ainda, é o que ocorre entre a experiência com o lugar e a sua lembrança que pode intensificar, ressignificar ou provocar o esquecimento do lugar.

Para Ricoeur, “o ato de se lembrar produz-se quando transcorreu um tempo. E é esse intervalo de tempo, entre a impressão original e seu retorno, que a recordação percorre” (RICOEUR,

2007, p.37). Existe neste intervalo uma presença ausente que outrora foi percebida e experimentada. Ela é composta por elementos disparadores de lembranças de experiências vividas em outro tempo e espaço que poderão nos fazer lembrar. Para o autor, a memória é caracterizada inicialmente como afecção na distinção de recordação num fato em que o antes e o depois existem no tempo.

Poderíamos indagar como, quando a afecção está presente, mas a coisa está ausente, nós nos lembramos daquilo que não está presente [...], de que nos lembramos então? [...]. Como podemos, ao perceber uma imagem, lembrar-nos de alguma coisa distinta dela? (RICOEUR, 2007, p.35-36).

Esta característica nos permite estar em determinado lugar e termos a sensação que estamos vendo outro lugar ao narramos alguma experiência vivida anteriormente.

O que está sendo destacado é a memória como realidade anterior e marca temporal da coisa lembrada através de sua presentificação. Estamos a considerar que a coisa lembrada traz consigo uma marca temporal de quando foi vivida e outra de quando foi recordada, além disso, o ato de lembrar, como nova experiência, tem a ele imbricado a anterioridade do que foi vivido. Isto significa que podemos estar num lugar e nossa memória deslizar no tempo para que possamos narrar o que foi vivido em outro lugar, mas como se ele estivesse diante de nós e no presente. Da mesma forma, os lugares no instante da experiência são vividos de uma forma e no rememorar são vividos de forma distinta.

Ou ainda vivermos o tempo de modo intenso e nos deslocarmos pelo espaço como se o tempo não estivesse cronologicamente alinhado ao que estava sendo vivido, como no exemplo das amigas que caminhavam por quilômetros sem ter essa percepção. Esta sensação desalinha pode vir no instante da experiência vivida e no ato de lembrar. A relação entre o sujeito e a coisa lembrada coloca no mesmo instante momentos temporalmente distintos, dessa forma, não se trata de uma

relação apenas construída, exclusivamente, em uma determinada circunstância, mas algo que manifesta diferentes temporalidades e geograficidades, o que nos permite pensar a indissociabilidade espaço e tempo.

Para refletir sobre o encontro de diferentes temporalidades e geograficidades, retomo o pensamento de Santo Agostinho (1999) que em sua compreensão sobre tempo discorre sobre o triplo presente. Trata-se de uma perspectiva que coloca passado e futuro no presente por meio da memória e da expectativa sob um longo futuro e um longo passado. Num presente do presente, presente do passado e presente do futuro. Em uma relação distendida entre expectativa (presente do futuro), memória (presente do passado) e atenção (presente do presente). As pessoas narram aquilo que foi vivido anteriormente e este passado se presentifica para os interlocutores no diálogo.

Esta perspectiva vai, neste artigo, ao encontro do que o sociólogo francês Halbwachs (2006) aponta no campo da memória que quando retornamos a um determinado lugar, nossa percepção nos ajuda a constituir nossas lembranças que outrora foram esquecidas. "Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente" (HALBWACHS, 2006, p.29). Apesar das diferentes concepções de memória de Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs é possível tecermos aproximações neste texto. Maurice Halbwachs, sociólogo francês que explorou a temática da memória coletiva em sua formação durkheimiana e o filósofo francês Paul Ricoeur, em sua vasta e profunda obra, também investiu na reflexão sobre a temporalidade através da memória, da narrativa e na prática da filosofia da história.

Podemos destacar, passado e futuro coexistindo no presente através da memória e expectativa das coisas vividas ou de antemão

anunciadas e na composição de um presente indivisível. Se existe algo vivido no passado que se apresenta no presente, também ocorrerá um deslocamento da exclusividade do verbo passar (o tempo) para o verbo permanecer. É comum ouvirmos que o “tempo passou”, uma expressão que tende a sinalizar uma separação entre aquilo que foi vivido e o momento em que um suspiro sinaliza a passagem do tempo.

O verbo passar para o tempo pode ser lido, num primeiro momento, como um verbo contraditório para uma perspectiva que opta pelas marcas no sujeito e na permanência da experiência através da memória. Todavia, este é um dos pontos que se apresentava entre “isto ou aquilo”. Dizer sobre o passar do tempo é pensá-lo através da cronologia ou por uma sucessão linear. Algo quase incompatível com a possibilidade de pensar o tempo como *distentio animi*. E é justamente esta aparente incompatibilidade que pode ser encontrada na caminhada entre duas amigas que viveram o tempo-espaço para além de sua cronologia e sua extensão, o que não significa dizer que foi sem elas.

Esta presentificação do passado é vivida através de imagens da experiência que gerou marcas e não como um retorno da experiência em si. Dessa forma, nossas experiências vividas nos e com os lugares são marcadas em cada um de nós e se apresentam como vestígios no presente ou em manifestações da imagem-vestígio. Neste sentido, a lembrança pode ser considerada como um acontecimento atual. Por esta perspectiva existe uma fluidez temporal que permite que o passado se presentifique através da manifestação dessas imagens-vestígio da experiência vivida e ainda produz uma discordância do fluxo temporal se pensado cronologicamente.

O ato de nos lembrarmos através das imagens daquilo que foi possível registrar da experiência vivida pode, aparentemente, nos afastar da experiência e nos fazer questionar sobre a veracidade da lembrança. Lowenthal (1998, 2015) discute a confiabilidade dessa

memória subjetiva e não se trata de dizer se uma lembrança é falsa ou verdadeira, se ocorreu ou não ocorreu, se aconteceu exatamente de tal forma ou se há distorções. Esta característica que se associa à inconfiabilidade também é marcada pela capacidade das lembranças de serem alteradas quando as recordamos. O que revela um passado móvel, maleável e flexível aos sentidos atribuídos no presente, ou seja, a posteriori da vivência anterior, em uma combinação entre imagem, passado e presente. Esta capacidade da memória de transformar o passado nos coloca em constante movimento, mesmo que não deliberado. Nossas recordações não são contínuas e se apresentam em lacunas que, às vezes, conseguimos içar através de nossas lembranças.

#### TEMPO E GEOGRAFIA

O geógrafo inglês, David Lowenthal, muito investiu e contribuiu para as discussões entre espaço, passado e futuro, e em uma forte frase destaca a disparidade entre o vivido, o registrado, o lembrado e o narrado: “nem o mundo nem nossas imagens sobre ele são idênticas com a Geografia” (LOWENTHAL, 1982, p. 104). De partida existe uma afirmação que diferencia o mundo e nossas imagens sobre ele. Uma perspectiva que assume que o mundo se singulariza na pessoa e, portanto, se apresenta de modos diferentes para cada um que o experiencia. Considerar esta afirmação em sua riqueza é refletir sobre formas diversas de se experienciar o mundo, de conceber tais experiências na construção do conhecimento geográfico e na pluralidade de pontos de vista sob o mundo. Para ampliar a força desse pensamento, a referida frase destaca que a Geografia não é idêntica nem ao mundo nem às imagens que dele temos, portanto, as imagens dos lugares que temos em nossas lembranças também não são como a experiência vivida outrora.

Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica  
Juliana Maddalena Trifilio Dias

Além das perspectivas de memória de Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, a partir de Lowenthal (1961, 1982), assumo a reflexão de que nenhum objeto se parece realmente como é, o que de forma ampliada podemos pensar nos lugares e como eles são percebidos pelas pessoas. Não existe uma coincidência entre a experiência vivida e a imagem dessa experiência. A imagem já se apresenta como outra coisa e não mais aquilo que foi vivido de forma idêntica. Com os lugares, não haverá formas, cores, texturas, sons e cheiros idênticos. O não ajuste perfeito entre o mundo e nossas imagens é salutar para que possamos conviver.

As imagens de mundo são compartilhadas e nos permitem viver em sociedade. Estamos pensando o mundo a partir das relações singulares e plurais que compõem um vasto universo de pontos de vista sobre ele. Dessa forma é possível considerar que as relações sujeito-mundo e mundo-sujeito são tão fortes que têm desdobramentos na produção do conhecimento geográfico. Produzimos conhecimento sobre o mundo, o mesmo mundo em que vivemos, o mesmo mundo que nos afeta e nos faz olharmos para ele a partir das experiências vividas, sempre estabelecendo relação entre sujeito e mundo. Este conhecimento parte de diferentes geograficidades e temporalidades e visa o estudo também de diversos tempos-espacos em nossa relação com a Terra, então não há uma exclusiva forma de considerarmos o tempo em reflexões geográficas.

Segundo Lowenthal (1985, 2015), entre os diferentes modos como o passado tem sido visto é possível enumerarmos alguns deles. Ele é usado para validar o presente; assumido como tradição a ser seguida, como exemplo e ideal de vida e um tempo para ser imitado. Este ideal é refletido no modo como os lugares são construídos e pode influenciar na maneira como as pessoas se relacionam com os lugares, tendo em vista que o passado se torna o referencial a ser replicado. O ponto

em questão é que nosso passado pode ser revistado e ressignificado individual e coletivamente, seja na criação de ideais, na preservação ou na ressignificação. Em contrapartida, preservar o passado se associa a uma ideia de um tempo fixo e possível de ser separado da história. Uma preservação de algo intacto e separado do presente. Segundo Lowenthal (1985, 2015) a preservação da história nos ajudou a ver o quanto o passado é alterado para o presente o que significa que nós mesmos mudamos o passado, ajudando a nos libertar de mitos que restringem as percepções anteriores. Nossas atitudes no mundo muitas vezes são ancoradas em percepções do passado, mas elas também podem revelar que consciência de sentimentos e eventos escondidos há muito tempo evita a dependência do passado e nos conduz para um futuro livremente escolhido.

Com diferentes formas de se conhecer o passado, não o experimentamos como um fluxo de tempo, mas como acontecimentos em sucessão (LOWENTHAL, 1985, 1998, 2015). Com a narrativa, por exemplo, a sucessão se apresenta em saltos temporais que encadeiam uma oralidade ou escrita, mas que não revelam a duração nem a localização histórica do evento. É comum ouvirmos que “outro dia” ou “teve uma vez que”, sem que para isto tenha que existir uma escala temporal e cronológica para o desenvolvimento da narrativa. Ela se organiza em torno da importância para aquele que narra a alguém.

Além dessas perspectivas, segundo Roberto Lobato Corrêa (2016), a discussão sobre o tempo na Geografia é associada às análises sobre a organização do espaço e elencadas a partir da ideia de herança, memória, projeto, inscrição e trajetória e com bases ancoradas, por exemplo, no positivismo, materialismo histórico e na visão cultural-humanista. Diante deste vasto universo e perspectivas, algumas abordagens do tempo na Geografia são muito comuns e apenas exemplificarei algumas.

Uma delas é a escala de tempo geológico que apresenta uma história da formação da Terra em seu desenvolvimento até a atualidade. Este modo linear favorece uma visão do sujeito como externo ao tempo que se passa cronologicamente e demarcado por eras e períodos a partir de eventos geológicos no planeta. Algo reforçado por um tempo longínquo e sem aparente conexão entre um passado de bilhões de anos e o presente.

Outra inserção comum é o tempo como marca na paisagem que pode ser lido como o passado que deixa sinais no presente. Marcas que podem revelar ação do homem e/ou agentes intempéricos em determinada porção do espaço terrestre.

Existe, também, uma crescente produção a partir da relação do tempo pela discussão patrimonial na Geografia. Uma perspectiva que tende a alinhar especificidades locais, preservação ambiental e/ou cultural e um olhar no presente com interfaces com o passado e futuro.

Há ainda uma discussão que aproxima tempo e lugar na qual Yi-Fu Tuan (2011, 2013) nos permite pensar tal relação a partir do tempo da experiência. Um tempo que não se apresenta aprioristicamente, mas que se constrói entre acontecimentos singulares e se mantém vivo através da memória em uma abordagem feita através das dimensões sociais, coletivas e individuais.

A memória também é uma dimensão temporal que nos permite refletir sobre a experiência humana que é sempre uma experiência espacializada. Estudar os lugares a partir da perspectiva da experiência é se deparar com os “e” e “ou” daquilo que pode ser entendido como objetivo/subjetivo/individual/coletivo, inclusive com narrativas que outrora já foram rechaçadas ou silenciadas. É possibilitar a escuta de sujeitos que se constituem em experiências com diferentes temporalidades e geograficidades.

Pierre Nora, um grande teórico da memória, aponta que os lugares “são lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente entrelaçados de vida e morte, de tempo e de eternidade, numa espiral do coletivo e do individual, o prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (NORA, 1993, p.22). Com tantas interseções, o que significa considerar, sob esta perspectiva, o “lugar como pausa” para a memória? (TUAN, 2013).

A velocidade com que produzimos e descartamos informações, acontecimentos e lugares tem gerado medo de apagarmos os rastros de um passado vivido e o aumento na produção de Memória para tempos futuros, inclusive através de lugares de memória (NORA, 1993). Mas esta produção não gera pausas, mas no alerta para paisagens que não poderão ser mais vividas no futuro. A pausa nos permite deslocarmos entre diferentes temporalidades e geograficidades a partir da memória e da expectativa da experiência. Ela nos permite ter a sensação de, no senso comum, “viajarmos” no tempo. Um tempo que faz o passado e o futuro se presentificarem. A pausa nos permite o sabor, o registro e o rompimento com o fluxo cronológico.

A memória como pertencente da experiência geográfica nos fornece sentido para nos colocarmos no tempo, cujas lembranças e passados não são idênticos, mas são incorporados e ressignificados em nosso cotidiano. Coletivamente se reafirma e é transmitida através das narrativas e apropriadas por diferentes gerações fazendo aflorar os múltiplos substratos entre continuidades e descontinuidades vividas.

Para Paul Ricoeur (2007), a lembrança de alguma coisa é a lembrança de si, no olhar interior entre o que se lembra e o quem se lembra. Todavia, apesar do olhar interior indicar um movimento individual, para nos lembrarmos precisamos dos outros e de suas experiências. Construimos nossas narrativas também pela narrativa dos outros. Sendo assim, a narrativa nos permite este encontro com o outro, com diferentes temporalidades e a presentificação de lugares de outrora. O



que para Halbwachs (2006, p.94) significa que a “memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, ela é compartilhada e pode nos fazer duvidar se vivemos algo ou se ouvimos o relato vivido por outra pessoa.

Geograficamente este é um ponto no qual nosso caráter social nos permite pensar a indissociabilidade tempo-espço através da memória. Nosso cotidiano é marcado por modos de interagirmos com a relação indissociável espaço-tempo, como através de “sistemas simbólicos, de técnicas, regras de comportamentos, papéis, representações sociais, linguagens diversas que normatizam formas de agir, de se entender como moderno” (TEDESCO, 2004, p. 56). Ou seja, esta relação poderia ser investigada por diferentes perspectivas além da memória que destaque neste texto. Poderia ser analisada através do simbólico, do agir, das representações e outras formas que relacionam a experiência vivida, os lugares, as lembranças e o narrar.

Este caráter individual é também íntimo e constitui nosso modo de ser no mundo. Nossas experiências podem ser lembradas, significadas e ressignificadas em toda nossa vida. Mesmo quando nos esforçamos pela fidelidade ao passado, criamos algo que reflete nossos hábitos e preferências (LOWENTHAL, 1985). Mas ela é inviolável ao outro, e muitas a nós mesmos, e esta privacidade nos oferece uma sensação de que estão protegidas. Então, mesmo que digamos ao outro sobre aquilo que vivemos, já estamos dizendo sobre o que está sendo lembrado e não mais o que foi vivido. Não é possível conhecer o instante da experiência vivida, mas na recordação, ele já não é mais o mesmo.

Associado a esta característica, a ideia de lugar como pausa no movimento e como centro de significados nos conduz a estabelecermos marcos, como por exemplo, de origem/começo de vida em uma nova cidade, relacionamento com pessoas especiais, um importante

emprego e outros exemplos a partir de episódios que podem nos afetar profundamente. Estas marcas e identidades podem atuar na interseção entre um tempo marcado no calendário e no tempo vivido na constituição do referido lugar, que também pode ser mapeado e pode ser experienciado.

Segundo Relph (1976), esta identidade é estabelecida através da combinação e portipos de atividades, configuração física e significados. Acrescenta-se que, para Letícia Pádua (2013), espaço e tempo também se constituem e se apresentam como experiências indiretas e subjetivas e ao paramos o tempo, como movimento, conseguimos imprimir valores e criar lugares. Dessa forma, existe uma variação de nossa ação e, com ela, os modos como significamos os lugares a partir de nossas experiências. Algo que permite que possamos construir nossa identidade a partir da relação de experiência com os lugares. Uma concepção de identidade ligada ao pertencimento, onde pertencer é ser (MARANDOLA JR., 2016). Com tais perspectivas a indissociabilidade espaço-tempo e a relação de constituição entre sujeitos e lugares se torna potente para o pensamento geográfico. Ainda segundo Yi-Fu Tuan, “espaço e tempo coexistem, entremesclam-se e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal” (TUAN, 2013, p. 161).

Neste sentido, o passado pode ser revisitado através de nossas lembranças. Algumas pessoas querem sempre lembrá-lo outras desejam esquecer-lo. Entre o lembrar e o esquecer somos nossos lugares e nossas memórias. A memória nos deixa rastros nas lembranças ao buscarmos pela facticidade geográfica através do passado, mesmo como “país estrangeiro” (LOWENTHAL, 1985, 1998).

Esta reflexão sobre tempo e lugar está fora de uma discussão que poderia considerar a História como reveladora de um único passado. Tão pouco de um passado fixo, separado do presente e a espera do olhar da ciência ou de uma História homogeneizadora. Esta reflexão

Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica  
Juliana Maddalena Trifilio Dias

está pautada na busca por singularidades ao longo de diferentes temporalidades e experiências de lugar.

Eduardo Marandola Jr. sinaliza, a partir de tais singularidades, que o lugar não “possui uma escala definida, nem uma temporalidade a priori dada. O tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o enquanto tal.” (MARANDOLA JR., 2012, p.229). Em uma perspectiva onde o tempo cronológico e o linear se esvaziam diante do tempo vivido e que é apresentado a partir da intensidade das experiências humanas em seus lugares.

O lugar pela experiência se consolida como pressuposto para a construção de uma vasta reflexão sobre esta essência geográfica. Segundo Dias (2013, 2015, 2016), as reflexões teóricas e metodológicas de pesquisas desenvolvidas, apontam a Geografia Humanista como possibilidade de amparar processos constitutivos nas relações indissociáveis entre espaço, tempo, lugar e sujeito sobre o princípio de compreender o grande eixo que atravessa experiência, percepção, visão de mundo, atitude, sonhos, devaneios, imaginação e memória.

Nossas experiências são espacializadas, mas não apenas. Elas também são temporalmente vividas e podem gerar marcas em nossa memória e serem significativas no modo como vivemos o tempo como fluxo, permanências, durações e interrupções (RELPH, 1979).

Muitas vezes sentimos atração ou repulsão por coisas, pessoas e lugares sem que tenhamos alguma explicação consciente para isso. A questão é que nossas experiências alimentam nossa memória e esta não as sepulta. O que vivemos fica impresso, marcado e nos constitui, o que não significa que todo este registro está acessível e consciente. Parte significativa do que vivemos irá compor nossa memória e poderá ou não ser lembrado, rememorado, reimaginado e revivido. Da mesma forma, que não existe a impossibilidade de nos lembramos

de algo remoto, isto é possível, mas não é uma regra para que possamos reviver o passado. Nossas experiências estão imbricadas em nossas ações e no modo como vemos o mundo, mesmo que não nos lembremos do que foi vivido.

### MEMÓRIA DO ARTIGO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em nossas vivências estão imbricadas diferentes temporalidades e geograficidades e a narrativa nos permite compreender a experiência humana no tempo-espaço. Uma das possibilidades de abarcar esta noção de indissociabilidade entre tempo e espaço é através da relação entre memória e lugar discutida neste texto.

Sob esta perspectiva e para continuarmos avançando para além dos “ou”, as formas espaciais poderão ser objetivas e subjetivas. Estas estão relacionadas ao significado das coisas e à experiência interna. As marcas objetivas estão associadas aos aspectos cardeais do plano horizontal, como as distâncias e alguns lugares podem ficar no limiar entre o objetivo e o subjetivo que se apresenta através de nossa realidade interior. Mas entre elas existem os “e”, como as amigas que viveram intensamente tal interseção. Caminharam determinada distância medida em quilômetros por determinado tempo medido pelas horas, mas junto com tais medições elas viveram aquele lugar através da experiência do encontro, das narrativas e na intensidade do tempo que as permitia a fluidez para além da cronologia.

As pessoas, individualmente ou coletivamente, tendem a buscar recriar ou criar lugares e situações de outro tempo para que sejam vividas e incorporadas ao presente. Algo que alude o “tempo bom” como outro tempo que não o vivido no presente, que retira do passado aquilo que é conveniente e comercial no presente em nome de uma idade de ouro. Ações que se alteram em louvar e negar o passado no

## Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica

Juliana Maddalena Trifilio Dias

decorrer da história, mas também como o que era conhecimento em diferentes temporalidades.

Experimentar, marcar, esquecer e lembrar. Falta um outro a quem isso é endereçado. Falta sinalizar que estas lembranças podem ser narradas e podem ser ditas a alguém. Uso o verbo poder e destaco que nem todas as experiências serão ditas a alguém em algum momento da vida, muitas nos constituem em seus silêncios. O que já é outra coisa: uma vivida, uma impressa como marca, uma lembrada e outra narrada. Então temos outras experiências: a do lembrar e a do narrar.

Podemos vasculhar nossa memória a procura de algo, mas também podemos nos deparar com disparadores de lembranças, como objetos, narrativas e lugares que permitem que algo, aparentemente, esquecido venha à consciência. Ao ouvirmos “não me lembrava que lembrava disso”, alguma lembrança emergiu quando a pessoa olhou para determinado objeto, ouviu um som, participou de algum relato, saboreou algum alimento, tocou algum objeto ou tantas outras formas de entramos em contato com lembranças que não procuramos, mas nos deparamos através de algo que a dispara no fluxo da memória.

Com a experiência vivida e a lembrança, o lugar se apresenta como pausa no movimento e como constituição de significados centralmente localizados, na interseção entre espaço, tempo e lugar na experiência. Somos nossos lugares e os carregamos, da mesma forma, que somos nossas memórias e carregamos nosso passado. De tal modo como existe na referida indissociabilidade na constituição de nossa geografia que através da perspectiva da memória um tempo e espaço.

Este texto, a partir de Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs e David Lowenthal, apontou a memória com uma dimensão constitutiva do sujeito e, portanto, como fundamental para compreensão da indissociabilidade espaço-tempo. Nossas experiências são vividas em

determinadas circunstâncias espaço-temporais, ao nos lembramos e narramos tais experiências já estamos em outra circunstância, mas as duas se cruzam as lembranças se presentificam.

A Geografia contemporânea avança para terras da imaginação, da memória, da narrativa e tantas outras que consideram, efetivamente, a subjetividade e a objetividade nas ações e relações que estabelecemos com a Terra. Neste artigo a problematização foi construída a partir de como estamos considerando, geograficamente, o passado em nossas reflexões sobre os lugares e como pensamos a experiência em sua geografia e praticamos a narrativa. Através da perspectiva da memória e da narrativa a indissociabilidade espaço-tempo permite nos aventurar por geografias imersas no cotidiano das histórias vividas por cada um de nós. Tempo-espaço são apresentados a cada frase, suspiro, silêncio e palavra narrada e revelam a memória da experiência vivida e lugarizada. Na Geografia já temos avançado em pesquisas sobre relações imateriais que estabelecemos com os lugares, mas espaço-tempo em sua pluralidade de sentidos e na constituição fundante de nossa experiência no mundo, são horizontes investigativos a serem mais explorados. O diálogo com outros campos amplia nossas possibilidades de reflexão, mas continuamos precisando de caminhos teóricos-metodológicos que se fortaleçam na epistemologia da Geografia e a para que possamos avançar no “e” entre áreas do saber.

A pergunta inicial era sobre como pensarmos a experiência humana de tempo na constituição de nossa geografia. Este texto apontou a memória como dimensão constitutiva do sujeito e, portanto, como fundamental para compreensão da indissociabilidade espaço-tempo, assumidos em suas especificidades e, indissociáveis quando estão em relação. Dessa forma, ainda precisamos avançar nesta relação indissociável e na consideração da narrativa para além de uma habilidade a ser praticada somente pelos geógrafos viajantes.

Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica  
Juliana Maddalena Trifilio Dias

A epígrafe permitiu que a discussão fosse conduzida a partir da ideia entre escolha entre “isto ou aquilo”, ou dito de outra forma, que uma reflexão sobre experiência geográfica abarcaria ou tempo ou espaço. Mas a memória nos propicia pensar o encontro entre tempo e espaço na experiência geográfica de cada sujeito. Cecília Meireles (1977) poeticamente lamenta a impossibilidade de estarmos ao mesmo tempo em dois lugares, mas a memória através do lembrar nos permite. ☉

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 94, p. 1-11, 2016.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Infância em Gaston Bachelard: reflexões sobre o ensino de geografia. **Rev. abordagem Gestalt**. Goiânia, v. 22, n. 2, p. 162-170, dez. 2016.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Direitos de Aprendizagem em Geografia: o lugar em sua potência. **Educação em Foco: revista de educação da UFJF**. Juiz de Fora, Edição Especial, p. 203-220, fev. 2015.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Desenhos e vozes no ensino de geografia: a pluralidade das favelas pelos olhares das crianças. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 1029-1048, out-dez, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country – Revisited**. Cambridge, Cambridge University Press, 2015.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. Trad. Lúcia Haddad. São Paulo, (17) nov. 1998.
- LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p.103-141.
- LOWENTHAL, David. Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the association of american geographers**. v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p.227-247.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de heidegger em place and placelessness, de Edward Relph. **Geografia**. v.41, n.1, p.5-15, 2016.
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo: Educ, n. 10, 1993.
- PADUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. v.4, n 7, 1-25, abril, 1979.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 1**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica  
Juliana Maddalena Trifilio Dias

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**. Temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: EDUCS, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar** – a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**. v.01, n.01, inverno 2011.

Submetido em Dezembro de 2017.

Revisado em Junho de 2018.

Aceito em Junho de 2018.

